



ALADI: COMÉRCIO INTRA-REGIONAL DE
ALGUNS PRODUTOS BÁSICOS E SEUS
PRINCIPAIS OBSTÁCULOS

ALADI/SEC/Estudo 27
13 de maio de 1985

ÍNDICE GERAL

	<u>Página</u>
I. CONSIDERAÇÕES PRELIMINARES	3
II. OBSTÁCULOS À EXPANSÃO DO COMÉRCIO INTRA-REGIONAL	6
a) Características do comércio internacional, circunstâncias de mercados, preços e acordos internacionais	7
b) Protecionismo de terceiros países	11
c) Barreiras intra-regionais ao comércio	13
d) Por que substituir importações do Resto do Mundo pelas provenientes de outros países da ALADI?	15
III. PRINCIPAIS CONCLUSÕES E SUGESTÕES	17
a) Esquema restritivo. Tipologia de bens e grupos de países	18
b) Elaboração de projetos de intercâmbio comercial	19
c) Investigação e esboço de mecanismos instrumentais de ajustamento e agilidade de contas bilaterais ou de grupos de um reduzido número de países	21
d) Investigação e esboço de instrumentos e facilidades creditícias que ajudem o financiamento das exportações ..	23
ANEXO I - ANTECEDENTES	25
I - PRINCIPAIS CARACTERÍSTICAS DO COMÉRCIO INTERNACIONAL NOS PRODUTOS SELECIONADOS	25
II - PERSPECTIVAS DE MERCADOS E PREÇOS EM ALGUNS PRODUTOS SELECIONADOS	49
III - ACORDOS INTERNACIONAIS EM ALGUNS PRODUTOS BÁSICOS	56
IV - PROTECIONISMO AGRÍCOLA E PENETRAÇÃO DE MERCADOS INDUSTRIALIZADOS	59
ANEXO II - QUADROS ADICIONAIS	63

//

O presente estudo foi feito pelo Doutor Eugenio Maffuccino âmbito de um projeto de cooperação com a CEPAL/FAO.

//

//

I. CONSIDERAÇÕES PRELIMINARES

1. As crescentes dificuldades econômicas que enfrentam os países da região levaram suas autoridades a dificultar, encarecer e, muitas vezes, a proibir as importações provenientes de, virtualmente, todos os países. Estas práticas protecionistas são de longa data e, nos últimos anos, não são se não eco de práticas generalizadas e incrementadas significativamente. Em particular, é notório o aumento das práticas protecionistas nos países industrializados. No caso dos países da região, a caracterização mais sumária que se faça da evolução destas crescentes dificuldades impostas ao livre intercâmbio comercial permite observar duas características notáveis e desalentadoras: a proteção é significativamente maior para os produutos básicos que para os manufaturados e também é maior o cúmulo de dificultades para superar pelas exportações de outros países da região que por aquelas provenientes de terceiros países.

Em épocas de crescentes dificuldades de balanço de pagamentos, como as atuais, o atrativo de substituir importações que exigem a utilização de divisas com terceiros países por exportações próprias através de acor

//

mas

//

dos intra-regionais é grande. Não obstante, isso não impede que es sas possibilidades sejam avaliadas através do estrito critério que significa que preço, e que moeda comandam alternadamente essas exportações fora da região. Por outro lado, as circunstâncias da dívi da externa que enfrenta a maioria dos países da região tornam estas questões, que têm que ver com o intercâmbio, especialmente importan tes, já que o comércio exterior é o único mecanismo que transforma a economia nacional no meio adequado com o qual satisfazer os servi ços da citada dívida. É com este panorama que a Associação Latino-Americana de Integração, ALADI, tenta cumprir suas funções básicas de promoção e regulamentação do comércio recíproco, de complemen ta ção econômica e com o desenvolvimento das ações de cooperação econô mica que coadjuvem a ampliação dos mercados.

2. No contexto de uma consultoria de muito curta duração se pretende na presente análise revisar sumariamente as principais característi cas do comércio internacional de alguns produtos básicos (principais cereais, açúcar, cacau, café e, se for possível, peixes e oleagino sas tradicionais) com ênfase no comércio intra-regional, suas tendên cias e modificações recentes, bem como os principais países que do minam o comércio nesses produtos. Outrossim, tratar-se-á de identi ficar a natureza e importância relativa dos principais obstáculos à expansão do comércio intra-regional e as circunstâncias recentes e expectativas para um futuro imediato: a) da situação internacional de mercados e preços; b) da situação referente ao protecionismo agrí cola e à penetração dos mercados nos países industrializados, pelas exportações da região; e c) da história recente e particularidades salientes em alguns dos acordos internacionais ("commodity agreements"). Em virtude da análise destas questões se tratará de adiantar algumas sugestões ou delineamentos em relação com: i) políticas, medidas e mecanismos que permitam superar as barreiras de índole comercial

//

//

nos produtos considerados; e ii) a identificação de possibilidades de expansão e reorientação do comércio intra-regional destes produtos (*).

3. Geralmente o protecionismo se nutre instrumentalmente de quatro tipos de meios; i) os custos de transportes e outras despesas a eles associadas, que fornecem uma proteção denominada natural; ii) as modificações de política cambial visando proteger a produção nacional, que modifica as relações dos preços relativos dos bens comercializados entre si e os destes com os não comercializados; iii) a tarifa aduaneira; e iv) todas aquelas medidas destinadas a restringir o comércio de importação conhecidas como barreiras não-tarifárias (BNA) e entre as quais se distinguem as alíquotas, quotas, proibições de importações, suspensões temporárias, compras estatais, regulações de preços mínimos, códigos sanitários, etc. (**).

Existiu sempre grande preocupação pelos efeitos negativos que as manipulações do arsenal descrito acima tiveram para com a corrente de comércio. Nas últimas duas décadas os estudos sobre níveis de proteção, tanto nominal como efetiva, multiplicaram-se. Entretanto, é particularmente difícil estimar o impacto das BNA e, mesmo em certos casos, descobrir sua existência. Na realidade, existe muito pouca ou nenhuma informação que avalie o impacto que BNA, cuja existência é conhecida, têm sobre o volume negociado para diferentes grupos de produtos ou diferentes países. Em termos regionais, conta-se com um primeiro esforço nesta direção, no estudo que a Secretaria

(*) A pedido da Secretaria-Geral da ALADI realizou-se um esforço para tratar de que a presente análise evitasse duplicações e, na medida do possível, complementar-se o trabalho com outros trabalhos de consultoria.

(**) BNA que influenciam o preço, o volume ou a direção do comércio foram catalogados por organismos internacionais como UNCTAD ou GATT. De mais de 200 tipos de medidas, mais de 100 são de natureza produto-específicas e o resto é de natureza geral.

//

//

ria-Geral da ALADI completou recentemente sobre barreiras tarifárias e não-tarifárias que afetam o comércio intra-regional.

Para fins estritamente operacionais seria conveniente contar com o conhecimento não apenas de que tipos de medidas restritivas estão operando senão, particularmente, de seus impactos diferenciais. A proliferação e superposição de restrições na maioria dos países da região, onde o mesmo tipo de bens é alcançado por vários dos instrumentos restritivos, alenta a convicção de que pode existir importante grau de redundância. Dado que este tipo de informação é produto e par de países-específica, seria interessante poder concentrar os esforços em um grupo de produtos e nas relações entre os países onde as possibilidades de incrementar o comércio intra-regional apareçam como mais promissoras (*).

II. OBSTÁCULOS À EXPANSÃO DO COMÉRCIO INTRA-REGIONAL.

4. A análise realizada leva implícito o argumento de que as possibilidades de fortalecer o comércio intra-regional, diminuir suas dificuldades e impedimentos e, em geral, propender para sua reestruturação e incremento, estão, em uma grande medida, associadas à caracterização que tenha o comércio internacional nos produtos de que se trate, a situação de mercados e preços que os mesmos enfrentam: às práticas protecionistas de terceiros países (em particular dos países industrializados que constituem a parte mais significativa da deman

(*) A identificação e análise de uns poucos critérios nos quais basear essa seleção é sugerida na Seção III do presente relatório.

//

mas

//

da confrontada) bem como o papel que desempenham os acordos internacionais em alguns dos produtos básicos. Por outro lado, as limitações importantes que impõe uma consultoria de tão curta duração e as dificuldades para obter informações com a discriminação apropriada em termos de países, produtos, etc., fez com que a ênfase fosse dada em orientar a tarefa para a delimitação do contexto onde analisar alguns delineamentos de política e mecanismos esboçados na Seção III do Relatório.

a) Características do comércio internacional, circunstâncias de mercado, preços e acordos internacionais (*).

5. As circunstâncias recessivas internacionais que foram agudas desde 1980 implicaram que os preços dos produtos básicos, com isenção do petróleo, alcançaram em 1981 seus níveis mais baixos em termos reais desde a Segunda Guerra Mundial. Condições excelentes em oferta e as circunstâncias de demanda dos países industrializados se fizeram presentes nos mercados destes produtos em termos de demandas reduzidas, preços significativamente inferiores e, por conseguinte, ingressos deprimidos. Em 1982, o valor em dólares das exportações mundiais de produtos agropecuários declinou em mais de 7% com relação a 1981. Em fins de 1982, os preços dos produtos básicos começaram a recuperar-se e durante 1983 tiveram um incremento em termos reais de 3,5%, com os maiores aumentos correspondendo a gorduras e óleos (19%), matérias-primas agropecuárias (12,2%) e cereais (7,5%). Não obstante, estas recuperações nos preços estão longe ainda de adquirir a força que tem a depressão do comércio internacional nestes produtos.

(*) Para uma análise mais detalhada em termos de produtos e países, recorrer ao Anexo I, Seções I, II e III.

//

mas

//

Por outro lado, os países industrializados que foram sempre, os mercados mais importantes para a maioria das exportações de produtos básicos agropecuários, mantiveram níveis de importação que implica uma diminuição em sua importância relativa. Outrossim, é importante enfatizar que vários desses países são, na atualidade, não apenas importantes importadores de produtos básicos agropecuários, mas também principais produtores de alguns deles, particularmente produtos de zonas temperadas.

6. Em termos do comércio regional, embora durante 1960-1980 as exportações intra ALADI crescessem 24% por ano, a participação do comércio intra-regional no comércio total da região não conseguiu concretizar-se em crescentes proporções. Embora passasse de 7,7% do total em 1960 para 12,2% em 1982, a participação relativa maior é a correspondente a 1979 (14.1%) e chama a atenção o estancamento desta proporção ao redor de 13%.

No tocante às exportações totais dos países da área, seu crescimento era bastante razoável para a maioria deste até 1980, com taxas crescentes de década em década, embora acompanhadas, em geral e para a última década, com maiores índices de instabilidade no valor das mesmas.

7. Os dois grupos de produtos que são de maior interesse para este relatório, alimentos e matérias-primas, tiveram uma evolução díspar na América Latina em 1961/1980 (ver Quadro A2 no Anexo II). Em termos de taxas de crescimento do volume exportado e a ser exportado (projeções do Banco Mundial até 1995), surge que a situação da América Latina foi bastante razoável no tocante a alimentos, embora não tanto quanto a matérias-primas. Em termos sub-regionais, a brusca des

//

mas

//

aceleração da taxa de crescimento dos alimentos na América Central e no Caribe foi mais compensada pela América do Sul. Em matérias-primas, a situação sub-regional para o período foi precisamente a inversa.

8. No tocante aos produtos selecionados, talvez a mais chamativa das questões que surgem da análise preliminar dos dados é que para a maioria deles uma significativa proporção do comércio intra-regional realiza-se entre mui poucos países. Por outro lado, e mais significativamente ainda, ao não mediar incrementos importantes nos saldos exportáveis de vários produtos, grãos em particular, toda satisfação de demanda regional em excesso da atual seria a custa de reduzir exportações do resto do mundo. A capacidade intra-regional de suprir os requerimentos satisfeitos pelo resto do mundo em 1980/1982 era de 42% em trigo, 68% em milho e de 77% em arroz (importações ALADI do resto de mundo divididas as exportações da ALADI para o resto do mundo).
9. Em termos de volume, o comércio internacional de produtos básicos, exceto petróleo, crescerá nas décadas dos anos 1980 e 1990, embora a taxas menores que as manufaturas. Em alimentos, a expectativa é de um crescimento de 4.8% anual para os próximos 10/15 anos. As taxas esperadas para a América Latina são 3% em alimentos e aproximadamente 2.4% em matérias-primas. Em ambos os casos, esse crescimento estaria significativamente explicado pelo crescimento na América do Sul, que será bastante superior ao da América Central e ao do Caribe.

Em geral, alguns dos produtos selecionados têm países da região entre seus principais produtores e exportadores mundiais. Apesar de que a análise das expectativas por produto não mostra casos de crescimento vertiginoso ou incrementos importantes na participação relativa de suas exportações (talvez com a exceção da Argentina, em

//

mas

//

grãos), as expectativas e projeções do comércio internacional para a próxima década oferecem excelentes perspectivas, particularmente a partir do fato de que a participação relativa é menor em todos os casos, com exceção do Brasil no mercado do café.

Em particular, o crescimento esperado nas importações mundiais durante o período que vai até 1995 é mais notável nos grãos em geral (grãos grossos e arroz em particular) e os óleos vegetais. Outro aspecto interessante para nossa análise tem que ver com quais serão os compradores. O grupo de países em desenvolvimento melhorará sua posição relativa como importador em todos os produtos selecionados, geralmente a custa da perda de importância relativa por parte dos países industrializados. O incremento mais rápido será nas matérias-primas enquanto que nos alimentos se podem esperar crescimentos significativos nos grãos grossos e bebidas (também em carnes), e um relativo estancamento no trigo e no arroz.

10. Quanto aos acordos internacionais, o principal problema reside no açúcar. O colapso do acordo em junho de 1984; as existências importantes nos países produtores; o fato de que possivelmente um quarto de todo o comércio internacional se realiza através de acordos especiais e o fato de que sua produção está fortemente protegida nos países industrializados, indicam o açúcar como um dos produtos em cujo comércio, os países da ALADI enfrentarão maiores dificuldades. Outro acordo importante para os países da região é o do cacau (ICCA). No entanto, as atuais condições de oferta excedente e as sérias dificuldades pelas quais atravessa o fundo tornam muito difícil pronosticar alguma melhoria na obtenção dos objetivos básicos que são a estabilização do mercado e dos preços.

//

mas

//

No que diz respeito ao acordo do café (ICA), o mesmo esteve cumprindo razoavelmente sua incumbência, pelo menos no tocante ao curto prazo, o sistema de quotas resultou um instrumento efetivo para reter ofertas. Outrossim, o acordo obteve a adesão de quase todos os produtores importantes. Embora existam algumas dificuldades como as especulações contra o Acordo, ou os preços oferecidos a países não-membros, existe o convencimento de que o interesse dos produtores é bem servido pelo funcionamento do mesmo.

11. Em geral pareceria que as circunstâncias de comércio internacional, mercados, preços e acordos permite ser razoavelmente otimista no que diz respeito às perspectivas para os países da ALADI e os produutos selecionados. Está projetado que o fluxo comercial aumente a partir dos seriamente deprimidos níveis do princípio da presente década. Os preços também dos produtos básicos que nos preocupam se verão incrementados, a não ser que o protecionismo dos países continue inclusive aumentando, o problema parece, antes de mais nada, gerar os saldos exportáveis.

b) Protecionismo de terceiros países (*)

12. Aproximadamente 55% dos alimentos e 60% das matérias-primas exportadas pelos países em desenvolvimento são vendidas nos países industrializados. Se se dificulta o acesso a estes mercados, não apenas suas exportações, senão os próprios países em desenvolvimento, enfrentarão dificuldades maiores. As recentes circunstâncias econômicas internacionais alentaram a intensificação das práticas prote

(*) Ver também Anexo I, Seção IV.

mas

//

//

cionistas nos países industrializados e as barreiras impostas aos produtos agropecuários foram as mais efetivas. No momento, a proteção acordada pelos países industrializados a sua produção agrícola supera a concedida às manufaturas. A conseguinte perda de porções de mercados de que gozavam os países em desenvolvimento na última década foi imediata e significativa (*).

13. A proteção ao setor primário nos países industrializados é de longa data. Porém a novidade nestes últimos anos é o crescimento das exportações destes países (produtos agropecuários) a partir de significativos níveis de subsídios (internos ou relacionados com as próprias exportações). O impacto destas práticas na potencialidade exportadora dos países em desenvolvimento é, naturalmente, difícil de precisar. É possível, por outro lado, estabelecer que o mesmo se produz a três diferentes níveis, com implicações e custos diferentes. Em primeiro lugar, ao diminuir sua própria demanda excedente a partir de sua própria oferta, agora aumentada por práticas não permitidas. Em segundo lugar, ao satisfazer outras demandas de terceiros países que antes eram satisfeitas por países em desenvolvimento. Por último, ao incrementar a proporção de comércio ineficiente e desperdiçador de recursos (**).

Por outro lado, é uma ocorrência freqüente o fato de que aí onde as tarifas se encontram reduzidas, as BNA as estejam substituindo. Isto é assim a tal ponto que um estudo recente da UNCTAD estimou que 23% das principais categorias de importação nos países desenvolvidos estão atualmente sujeitas a restrições quantitativas, com 7% das mesmas sujeitas a algum tipo de restrição não-tarifária com impacto sobre os preços.

(*) IBRD, World Development Report, 1983.

(**) Potencialmente convidando para a retaliação e níveis de ineficiência aumentados.

//

mas

//

14. Embora seja complicado estabelecer a proporção de diminuição na penetração destes mercados como resultado das práticas protecionistas convém resgatar que o importante não é somente em termos quantitativos agregados, senão também o impacto que elas têm sobre a composição do comércio. A intervenção no comércio a partir de subsídios tende a incrementar a quantidade de comércio ineficiente, a desalentar a competência e, fundamentalmente, a convidar a retaliação.

Tudo indica que esta foi uma fonte formidável de dificuldades para as exportações dos países da ALADI. Em particular, convém mencionar o caso das carnes, lácteos, cereais e açúcar. Em quase todos eles, as práticas protecionistas da CEE destacaram-se. Na medida em que os "foros" internacionais (por exemplo, GATT e UNCTAD) não consigam ter a aparente tendência na importação destas práticas, as alternativas mais óbvias parecem alinhar-se com o comércio intra-regional.

c) Barreiras intra-regionais ao comércio

15. Os países da região confrontam um grupo importante de práticas restritivas para exportar seus produtos aos demais países do grupo, o que leva a Secretaria-Geral da ALADI a realizar um estudo recentemente finalizado sobre as barreiras tarifárias e não-tarifárias que afetam o comércio intra-regional (*). O arsenal de instrumentos utilizados pelos diferentes países inclui desde a proibição pura e simples das importações até a reserva do Poder Executivo para deci

(*) Aqui se trata o tópico muito sinteticamente, uma vez que o mesmo está considerado com detalhes a partir dos resultados do estudo da Secretaria-Geral em J. Quijandría S., "Comércio de produtos básicos agropecuários entre os países que integram a ALADI e âmbito global para incrementar o intercâmbio regional", dezembro de 1984.

mas

//

//

dir sua autorização, passando pela suspensão temporária, a outorga de autorizações ou licenças prévias, etc.

Surgem da análise superficial dessa informação algumas características que merecem ênfase: i) existe uma especialização nos países em termos de instrumento utilizado mais freqüentemente. Assim, por exemplo, a Argentina e o Brasil utilizam a suspensão; Bolívia, Equador e Peru, majoritariamente, a proibição; o México a licença prévia e a Venezuela a reserva para o Executivo Nacional; ii) o Brasil, Chile, Paraguai, Peru e Uruguai impuseram mui poucas restrições; e iii) as diferenças nos níveis tarifários para um mesmo produto são significativas na maioria dos casos.

A experiência de restrições na região é tão diversa e estendida que é muito difícil fazer-se idéia da eficiência operacional de diferentes instrumentos e diferentes níveis tarifários para grupos de produtos ou países, em ausência da análise em nível de detalhe. Tudo indica que os estudos realizados até o momento servem o propósito importante de coadjuvar a "mapear" o problema. No entanto, promover e concretizar negociações sobre estes temas exigem, a meu critério, limitar o âmbito (produtos) e identificar os pares ou grupos de países onde para esses produtos faz sentido a negociação em nível de instrumentos (*). Porém, apesar do pouco conhecimento que se tem do impacto de diferentes instrumentos sobre produtos ou grupos de produtos em diferentes países, é óbvio que as barreiras dos próprios países da região aparecem como importante obstáculo ao incremento do comércio da região em geral e, naturalmente, intra-regional, em particular.

(*) Este raciocínio progride-se mais abaixo no ponto III.

//

//

d) Por que substituir importações do resto do mundo pelas provenientes de outros países da ALADI?

16. Aqui se pretende fazer apenas a formulação, a partir de uma pergunta muito simples, do esquema que deveria englobar algumas das ações da ALADI sugeridas na próxima seção do relatório. Várias décadas de desenvolvimento de teoria econômica nos ajudam a ordenar a discussão, mas não muito mais, ao confrontar esta problemática. Toda a teoria descansa na suposição, abrumadoramente óbvia, de bens não apenas comparáveis, senão estritamente iguais, ao comentar sobre possibilidades de incrementos ou desvios em fluxos comerciais. Naturalmente que isso faz o produto, seu preço e inclusive as condições da transação, coisa que dificilmente ocorre na prática. Por outro lado, o fato de que virtualmente todas as práticas restritivas encontram sua forma de impactar os preços (*), enfatiza a necessidade de contar com conhecimentos sobre o impacto diferencial das mesmas.

O argumento implícito aqui é que os países, através de mecanismos explícitos ou implícitos, avaliam cada alternativa de modificação em suas políticas comerciais como se na realidade se tratasse de um projeto, com seus custos e seus potenciais benefícios. Considera-se que quanto maior for o âmbito da negociação, mais óbvia se tornará uma característica de possivelmente todo projeto; os custos são sempre mais facilmente discerníveis (não apenas quantificáveis) que os benefícios (**).

(*) Inclusive são obtidas as restrições quantitativas ao permitir que a oferta existente comande o preço de escassez que gera a proibição.

(**) Poder-se-á explicar por este meio, pelo menos parcialmente, o comportamento dos países que se comprometem formalmente à redução de restrições e na prática não observam esses acordos?

mas

//

//

Na medida em que as negociações sobre as práticas restritivas se conduzam em contextos demasiados globais (âmbitos de produtos, grupos de países, instrumentos, etc.), isso se constitui em um obstáculo indireto na obtenção dos objetivos de incrementar o comércio intra-regional. Toda ação ou alternativa que permita uma melhor, ou mais fácil, identificação dos benefícios associados com a substituição de importações do resto do mundo pelas provenientes de outros países da ALADI deveria ser bem-vinda. Não obstante, isso não obviará ter que conceder privilégios, somente tornarão mais acessível a identificação dos mesmos. Em essência o objetivo final é a identificação e análise das condições que possibilitariam um incremento das exportações intra-regionais.

17. O obstáculo mais formidável para o incremento do comércio da região está constituído pelas circunstâncias econômicas internacionais. A contínua recessão da presente década partiu de demandas deprimidas nos países industrializados e expandiu-se através de preços diminuídos, ingressos de exportação mais baixos, maiores déficits no balanço de pagamentos que, a partir da situação de endividamento externo da maioria dos países da região, geraram serviços mais difíceis e mais caros e terminaram por deprimir ainda mais o nível de atividade e demanda interna. Naturalmente que a reação interna dificultou ainda mais as coisas, ao defender a economia doméstica de trás de significativas e crescentes restrições ao comércio da própria região. Estas condições constituem ao mesmo tempo um desafio e uma tremenda oportunidade para modificar as presentes circunstâncias. Em essência, isso constituirá um projeto de "substituição na utilização de divisas", cujos benefícios se devem avaliar agora aos novos preços sombra que sugere a realidade descrita mais acima. Por outro lado, dos principais obstáculos que enfrenta o comércio intra-regional, o único que permite a ação regional independente é, precisamente, o de abater suas próprias restrições.

//

mas

//

III. PRINCIPAIS CONCLUSÕES E SUGESTÕES

18. As dificuldades que atravessam os países da região são consideráveis. Grande parte delas reconhece, se não causalidade, pelo menos alternativas de solução no que ocorre com o comércio inter-regional. No contexto da ALADI pareceria haver chegado o momento de promover negociações que possam finalmente concretizar-se em incrementos do comércio intra-regional. Parece que corresponderia também, tentar algumas alternativas diferentes das promovidas até o presente. Evidentemente é difícil melhorar, em nível formal ou de intenção, os delineamentos implícitos no Tratado de Montevideu (1980) ou na Declaração de Quito e Plano de Ação (1984). É urgente determinar os meios operacionais que possam plasmar essas intenções na realidade.

Como resultado da análise realizada quanto a um grupo de produtos básicos selecionados e do estudo de uma série de trabalhos que analisam esta problemática, considerou-se importante tratar de esboçar algumas alternativas que permitam enfrentar três dificuldades que, a meu critério, dificultam obter incrementos sensíveis no comércio intra-regional. Por um lado, a promoção de negociações em um âmbito demasiado amplo que dilui as possibilidades de concretizar negociações operacionais. Em segundo lugar, tratar de sugerir projetos concretos de intercâmbio, como alternativa de utilizar o foro que significa ALADI, mais intensivamente. Em terceiro lugar, promover a discussão de algum mecanismo concreto que, ancorado nas regulamentações da Secretaria-Geral, permita o ajustamento e a agilidade de contas bilaterais ou de grupos de um reduzido número de países (*).

(*) Estas sugestões têm como objetivo central aprofundar, se corresponde, naquilo que a Secretaria-Geral já realiza.

mas

//

//

a) Esquema restritivo. Tipologia de bens e grupos de países

19. O aprofundamento do tipo de análise realizada preparatoriamente para o futuro período de negociações permitiria focalizar um conjunto bastante mais reduzido de produtos nos quais existem oportunidades concretas e iminentes de aumentar o comércio intra-regional. A análise realizada também revela que essas oportunidades não são tão óbvias como se pensava e ainda, inexistentes em outros casos.

O objetivo central seria permitir uma concentração dos negociadores naqueles casos que merecem a consideração detalhada. Por exemplo, como resultado da análise mencionada surge que, em termos de países, as relações que deveriam ser revisadas são: trigo: Argentina/Brasil; milho: Argentina/México; arroz: Uruguai e Argentina/Brasil, Peru, México; açúcar refinado: Brasil/México; açúcar em bruto: Brasil, Argentina, Colômbia/México, Venezuela; etc. Deverá levar-se em conta que, embora os grandes importadores da região sejam por exemplo nestes produtos selecionados Brasil, México e Venezuela, existem oportunidades importantes também em outros. Outras características que surge da análise destes produtos é que a Argentina é a principal fornecedora na maioria deles e o México é demandante importante da maioria desses produtos.

20. Em termos de produtos seria importante estabelecer uma tipologia a partir de alguns critérios básicos. A simples título enunciativo sugerem: i) "substituição da oferta regional; ii) "substituição de oferta por divisas fortes"; e iii) "segundo se compre majoritariamente em forma privada ou oficial". No primeiro caso, o que os países da região têm para vender pode ser discriminado entre o que de todas maneiras são bens perfeitamente oferecíveis (preço, qualidade, oportunidade, condições) pela região; bens só parcialmente ofe

//

//

recíveis na região. No segundo caso, ajudará discriminar entre o que os países podem colocar de todas maneiras por divisas fortes e o que só entra em negociações bilaterais ou de outro tipo. A terceira discriminação é muito importante nos produtos básicos, uma vez que grande parte da demanda provém de organismos oficiais, onde a negociação pode tornar-se ágil a partir de parâmetros diferentes.

Em todo caso, aqui somente se pretende enfatizar a conveniência de efetuar algumas discriminações preliminares que permitam pôr em perspectiva o que se pode chegar a obter. Iso tem duas aparentes vantagens sobre a negociação irrestrita. Por um lado, a quantificação ajudará a não seguir gerando expectativas falsas; por outro lado, colaborará para tornar eficiente todo o processo de negociações. A participação da Secretaria-Geral em ajudar a delimitar o âmbito de negociações parece uma área interessante para ser explorada detalhadamente.

b) Elaboração de projetos de intercâmbio comercial

21. Além de promover a redução do âmbito de negociações, a Secretaria-Geral pode, a meu critério deveria, desempenhar um papel mais ativo no que diz respeito à promoção de negociações. A idéia aqui é dramaticamente simples. A partir de uma tipologia de bens e de países potencialmente envolvidos em uma negociação, a Secretaria pode concretizar e desenvolver negociações específicas como se fossem projetos de intercâmbio. Isto implicará a investigação das respectivas restrições a diminuir e/ou levantar, a considerar alternativas de compensação, etc. para o ou os produtos de que se tratar, a fim de apresentar aos países-membros envolvidos uma alternativa

mas

//

//

concreta de negociação. As principais vantagens estão associadas ao fato de que utilizando este formato, as dimensões (em termos de produtos, países, instrumentos) são bastante mais limitadas (*) e permitem, em consequência, a análise em nível de detalhe, que é o que possibilita a geração de mais e melhores alternativas.

22. Este esquema de gerar pequenos (**) projetos de intercâmbio entre dois ou mais países não requer recursos muito significativos e pode, em um curto prazo, provar-se como um veículo com o qual dinamizar o período de negociações. Utilizando também o esquema de projetos, embora em um contexto diferente, a Secretaria-Geral poderia ser o foro onde esboçar um projeto através do qual os países-membros negociarão com seus países credores o pagamento do serviço da dívida a partir de novo comércio, que estes aceitariam a partir da intervenção de seus respectivos Governos (***). Embora esta idéia possa parecer fora de contexto, creio que o racional se encontra a partir de que os problemas da dívida externa geraram incrementos nas restrições ao comércio, que em consequência diminuíram ao agravar-se os problemas de dívida externa. Cabe pensar que uma melhoria na problemática da dívida externa e o conseqüente incremento do comércio propenderão a melhorar a situação da BNA, um tópico intimamente ligado aos interesses atuais da ALADI.

(*) Isto não implica sobre o montante potencial do comércio envolvido.

(**) Como disse, pequenos não implica julgamento sobre o montante de comércio potencial. Na realidade se pretenderá que os mesmos tenham "peso específico" em termos, por exemplo, de "potencialidade de réplica".

(***) Ver Eugenio A. Maffucci, "Foreign Debt, "Savings Laundering" and Trade: The Realm of Politics and Economics", mimeo., Fevereiro 1984.

//

mas

//

c) Investigação e esboço de mecanismos instrumentais de ajuste e aceleração de contas bilaterais ou de grupos de um reduzido número de países.

23. Uma das características mais notáveis do comércio de produtos agropecuários dos países da América Latina é que a proporção negociada intra grupo é menor que no caso de qualquer outra agrupação de países. De fato, isto constitui grande desafio e grande oportunidade para a produção regional. Aqui se sugere investigar no contexto da realidade latino-americana um sistema de promoção, entre dois ou mais países, de especialização competitiva ou horizontal em produção e comércio. Em essência, o que se busca é ampliar o intercâmbio de bens manufaturados por outros bens manufaturados e de produtos primários por outros bens primários de maneira que a especialização complementar ou vertical (*) seja mantida dentro de limites previamente acordados.

A idéia para facilitar este tipo de intercâmbio se fortalece com a implementação de um mecanismo que, deixando o comércio entre os países participantes legalmente sujeito ao pagamento de impostos, implique a devolução de tais impostos em todas as vendas mútuas que representem especialização competitiva, ou seja, bens que correspondam a categorias similares previamente definidas. Para estes efeitos, os países participantes deverão agrupar todos os itens sujeitos a tarifas em um número razoavelmente limitado de categorias.

24. Operacionalmente o esquema consistiria em que, para a admissão das mercadorias em outro país participante, emitiram-se dois jogos de documentos. Por um lado, aqueles que geralmente se emitem para admitir importações provenientes desse outro país (avaliações). Pelo

(*) Quer dizer o intercâmbio de bens provenientes de setores significativamente diferentes.

//

outro lado, um jogo de certificados de importações da área ("comum"), que se poderiam emitir em uma quantidade mais que proporcional às avaliações (*). Estes certificados seriam negociáveis e aqueles não utilizados em determinado período deveriam forçosamente oferecer-se à venda ao melhor licitador.

25. Para efeitos ilustrativos, consideremos um caso simples. Imagine-mos uma importadora no país A que, a fim de beneficiar-se com a devolução dos impostos, organiza a seguinte transação: recebe um envio de, digamos café do país B. As autoridades aduaneiras do país A enviam-lhe as avaliações e os certificados correspondentes. Esta companhia envia trigo ao país B, por um valor tal que os impostos que deveriam produzir no país B sejam equivalentes ao valor de conta dos certificados emitidos pela alfândega em A. Este envio de trigo é acompanhado de suficientes certificados obtidos em A para serem apresentados às autoridades aduaneiras de B de tal maneira que o trigo não tribute impostos (**).

Acordos deste tipo foram elaborados com suficientes detalhes em nível teórico e sua factibilidade, em nível de análise, parece bastante atrativa como para prosseguir o desenvolvimento de seus aspectos operacionais. Na realidade esta é uma variante dos esquemas de integração que pode permitir tornar ágil esse esforço, uma vez que os acordos podem ser colocados em prática inclusive bilateralmente.

(*) A diferença seria decidida em função de que tipo de bens esse par de países quer promover ou bem como forma de diminuir diferenças que am os países considerem limitantes na obtenção dos objetivos.

(**) Ou, pelo menos, na proporção em que se apresentem os correspondentes certificados.

//

//

d) Investigação e desenho de instrumentos e facilidades creditícias que ajudem o financiamento das exportações

26. A diferença entre necessidades e disponibilidades de financiamento as exportações latino-americanas aumentou-se. Tradicionalmente, as exportações de produtos primários da região sempre contaram com mecanismos financeiros bem estabelecidos e eficientes. Não obstante, este não é o caso nas atuais circunstâncias. Como foi argumentado mais acima, é imprescindível promover uma reativação econômica nos países da região e muito provavelmente as exportações devem liderar os aspectos de demanda. No entanto, para fortalecer uma mais rápida expansão das exportações de produtos básicos e manufaturados, há poucos elementos que aparecem com mais críticos que a provisão de financiamento.

Na realidade, as fontes de financiamento a médio e longo prazos são virtualmente inexistentes e só funcionam muito parcialmente em alguns países mecanismos para o pré-financiamento de exportações. Tampouco desempenham papel prominente as áreas conexas de seguro de exportação e seguro de crédito.

27. Embora haja instituições internacionais que realizaram esforços nestas áreas, fornecendo apoio financeiro para estes fins, de seu próprio capital ordinário ou impulsando a criação do Banco Latino-Americano de Financiamento de Exportações, essa é uma área onde deveria ser reforçada a assistência. Para estes efeitos, seria de muita utilidade identificar e analisar detalhadamente algumas experiências que tiveram êxitos dos países da região (*), a fim de assistir outros países da América Latina no esboço e fortalecimento de seus sistemas de financiamento e seguro de exportação.

(*) Particularmente a do Brasil e da Colômbia.

//

A identificação e análise de mecanismos que estejam obtendo êxitos neste campo contribuirá para uma melhor assistência, particularmente dadas as experiências de extrema variabilidade nas taxas de câmbio, que tornam muito difícil comprometer a participação do setor financeiro privado, em ausência de seguros de câmbio ou riscos daquela instabilidade.

//

//

ANEXO I: ANTECEDENTES

//

mas

ANEXO I: ANTECEDENTES

I. PRINCIPAIS CARACTERÍSTICAS DO COMÉRCIO INTERNACIONAL NOS PRODUTOS SELECIONADOS

1. Para os fins aqui visados, a caracterização do comércio internacional dos produtos do grupo selecionado se conforma a partir da análise de três tipos de informação, que vão desde o mais genérico ou global até o mais particular. Estas considerações têm que ver com: a) o comércio mundial de produtos básicos, suas principais tendências e expectativas, quais são os principais compradores e em que itens; b) os principais produtos do grupo, as principais características de suas respectivas relações econômicas; quais são os principais países intervenientes em sua produção e comércio e quais parecem ser as perspectivas de comércio para o futuro imediato, e c) o comércio intra-regional, partindo de algumas considerações sobre as exportações regionais até desembocar na análise do comércio intra-regional dos produtos selecionados.
2. O comércio internacional foi a caixa de ressonância para as circunstâncias recessivas internacionais que se agudizaram desde fins de 1980. Em termos reais, os preços dos produtos básicos, excluindo o petróleo alcançaram seu nível mais baixo a partir da Segunda Guerra Mundial, em 1981. Em 1982, a medida com que as condições econômicas internacionais se deprimiam ainda mais, os preços dos produtos continuaram descendo. O valor em dólares das exportações mundiais de produtos agropecuários declinou em 1982 em mais de 7%, enquanto que o valor das exportações de alimentos dos países em desenvolvi

(*) Os termos de referência incluem cereais, açúcar, café, cacau e, se for possível, oleoginosas e peixes. Particularmente, por razões de disponibilidade de dados, os comentários se referem, em grãos, a trigo, grãos grossos (milho, sorgo, cevada, milho apinço, centeio e aveia) e arroz. Em oleoginosas, particularmente soja e, em certas ocasiões também palmeira oleaginosa, (dendê) coco e amendoim.

//

mento diminuía em 6,5%, seu volume incrementou-se em 11.5%. Naturalmente aqui incidia o efeito preço, com alguns dos produtos que nos interessam, havendo experimentado quedas muito bruscas em 1982, como o caso do arroz (37%), açúcar (50%) e cacau (17%).

As causas são naturalmente várias. Além do estancamento da de manda dos países industriais, as altas taxas de juros conspiravam com manter os ciclos de inventários em termos normais e provavelmente parte da atividade puramente especulativa nestes produtos. O for talecimento relativo da moeda-americana fez com que produtos, cujos preços estão baseados em dólar -consideravelmente cereais e algodão se convertissem em menos atrativos. Por outro lado, as condições de oferta em 1981/1982 foram excelentes, virtualmente em todo o mundo. Assim se produziam colheitas recordes, ou virtualmente re cordes, na América do Norte (trigo, grãos grossos, soja e algodão), na América do Sul (grãos e soja), no Sul da Ásia (arroz) e na Euro pa Ocidental (açúcar). Estas condições de oferta e as circunstâncias de demanda dos países industrializados se fizeram presentes nos mercados de produtos básicos em termos de demanda reduzida, pre ços significativamente inferiores e, por conseguinte, ingressos de primidos.

Para fins de 1982, os preços dos produtos básicos começaram a recuperar-se, acompanhando a recuperação dos indicadores macro-econômicos nos Estados Unidos. Para o período outubro 1982-maio 1984, um índice dos preços de 33 produtos básicos que computa o Banco Mun dial, mostra um incremento de 16% nos preços nominais. Em termos reais estes preços incrementaram-se em 3.5% para 1983, com os maio res incrementos, correspondendo a óleos e gorduras (19%), insumos agropecuários (12.2%) e cereais (7.5%). O preço do cacau também aumentou significativamente. Porém, esta recuperação nos preços es tá longe ainda de adquirir a força que permita reverter a condição de depressão para o comércio internacional em produtos básicos.

//

mas

//

3. Os países industrializados foram, de longa data, os mercados mais significativos para a maioria das exportações de produtos básicos agropecuários. O Quadro no. 1 apresenta informação sobre a participação relativa de diferentes grupos de países nas importações totais de alguns dos produtos selecionados. Aí podemos observar a importância relativa dos países industrializados como importadores destes produtos. Porém, essa importância esteve declinando e se espera que diminua ainda mais. Para os efeitos do presente trabalho é conveniente pontualizar que vários desses países são agora importantes importadores de produtos básicos agropecuários e, ao mesmo tempo, principais produtores de alguns deles, particularmente produtos de zonas temperadas.

4. A participação dos países em desenvolvimento nas importações mundiais crescerá, segundo projeções do Banco Mundial, virtualmente em todos os produtos. Espera-se que o crescimento mais rápido seja em produtos agropecuários não alimentícios. Por outro lado, enquanto que o crescimento nas importações de vários produtos alimentícios tais como grãos grossos, carnes e bebidas será particularmente rápido, as de arroz e trigo deixam praticamente sem mudanças suas participações relativas no total.

Em termos de volume, projeta-se que para os anos 1980 e 1990 o comércio internacional dos produtos básicos -exceto petróleo- crescerá, embora as taxas menores que as manufaturas. As exportações mundiais desses produtos podem crescer durante os próximos 10-15 anos a taxas ligeiramente superiores às dos últimos 20 anos. Nos alimentos a expectativa é que suas exportações cresçam a uma taxa de 4.8% anual, refletindo o crescimento das correspondentes aos países industrializados e em desenvolvimento a taxas mais altas que as históricas. Nisto desempenhará um papel decisivo uma acentuação na dependência pelas importações alimentícias nos países centralmente planejados.

mas

//

QUADRO No. 1 - PARTICIPAÇÃO RELATIVA DE DIFERENTES GRUPOS DE PAÍSES NAS IMPORTAÇÕES MUNDIAIS DE ALGUNS PRODUTOS SELECIONADOS. 1980. PERCENTAGENS.			
PRODUTO	P A Í S E S		
	Industrializados	Em desenvolvi mento	Planejamento Centralizado
. Café	82.4	11.3	6.2
. Cacau (grãos)	81.8	2.8	15.4
. Açúcar	36.4	41.6	21.9
. Arroz	10.2	76.7	13.2
. Grãos grossos	38.7	36.6	24.6
. Trigo	19.3	56.2	24.4
. Oleoginosas, óleos e gorduras	38.8	55.2	6.0

FONTE: IBRD, The Outlook por Primary Commodities, janeiro 1983.

//

- (*) 5) Os mercados de trigo e grãos grossos ficaram atrapados nestes últimos anos entre a recessão mundial e a capacidade de produção excedente. A recessão friou o crescimento da demanda importadora ao mesmo tempo que a oferta excedente que resultasse dos altos preços de grãos de 1980 que fazia presente no mercado. Os controles de produções impostos particularmente nos Estados Unidos geraram inventários aumentados e conseqüentes incrementos nos preços.

O mercado mundial de trigo é altamente desenvolvido, com mercados privados com preços futuros, graus uniformes e sistemas de informação de preços e sementeira e colheita muito bem desenvolvidas. O comércio está manejado em grande medida por empresas comercializadoras governamentais, embora existam diversas estruturas entre elas. Assim, enquanto que os E.U.A. têm em funcionamento um sistema de mercado livre e o Canadá tem um instituto que comercializa seu trigo manejado por produtores, a maioria de outros países têm sistemas onde agências do Governo controlam total/parcialmente as operações de exportação/importação.

Os principais países exportadores são Estados Unidos (45% do total em 1979/1981), Canadá (17.5%), França (13%), Austrália (12.6%) e Argentina (4.4%). Em média, em 1979/1981 exportaram-se em nível total aproximadamente 94 milhões de toneladas métricas.

Os principais países importadores para esse mesmo período foram a União Soviética (16.7%) que é, por outro lado, o principal produtor do mundo com aproximadamente 92 milhões de TM em 1979/1981, China (13.3%), Japão (6.1%), Egito (5.8%) e Brasil (4.6%). Entre estes cinco países importaram mais de 46% do volume total.

(*) A análise que se refere a produtos ou grupos de produtos, descansa significativamente em dados e análises contidos em IBRD, Price Prospects for Major Primary Commodities, Repor no. 814/84, Setembro 1984.

//

- //
6. As exportações de trigo são atualmente dominadas, como vimos, pelos Estados Unidos, Canadá, França, Austrália e Argentina. Em 1982, estes países exportaram 87% do total comercializado internacionalmente. Espera-se que as proporções destes países no total mundial se mantenham relativamente estáveis no período que abrange até 1995. Não obstante, algumas mudanças que se pronosticam são o aumento da participação argentina de 4.1% (1979/1981) para 9.0% em 1995. A França manteria sua participação com os outros países diminuindo-a ligeiramente.

Espera-se que o comércio mundial de trigo cresça a 2.3% anual no período 1985/1995 comparado com o crescimento de 5.5% anual em 1979/1982, particularmente como resultado de uma lenta recuperação da atividade econômica internacional. Espera-se que os países em desenvolvimento incrementem suas importações em aproximadamente 2.3% anual para 1985/1995 (África 5.5%, Ásia 3.3% e América Latina 2.5%). Projeta-se que os países centralmente planejados e os industriais aumentaram suas importações de trigo para 3.1% e 1.0% anual, respectivamente.

7. Os grãos grossos incluem uma série de grãos, que são fundamentalmente utilizados para alimentação animal. Em 1981, 61% dos grãos grossos foram utilizados como alimentação animal, com o resto em consumo humano. Em 1979/1981, a produção de grãos grossos foi de 746 milhões de TM, sendo com milho 56%, sorgo 9% e cevada 21% deste total. O resto dividido entre milho painço, centeio e aveia.

Aproximadamente 12-14% da produção mundial de grãos grossos se comercializa internacionalmente. O mercado internacional está bem desenvolvido com sistemas de informação em preços e produção extensivos. A comercialização é feita de uma maneira similar à do trigo com agências privadas e oficiais envolvidas no mercado.

//

//

As exportações mundiais são dominadas pelos E.U.A. (65% do total em 1979/1981), Argentina (9.7%), França (7%), Canadá (5.4%), América do Sul (4%), Austrália (3.2%) e Tailândia (2.7%). Os importadores são bastante mais numerosos com a União Soviética (19.8% do total) e Japão (18.4%), sendo os principais; México é importante importador com 5.3 milhões de TM em 1979/1981. O total comercializado internacionalmente supera os 101 milhões de TM.

8. O comércio internacional de grãos grossos se pronostica que continuará crescendo a 3.4% anual em 1985/1995. Esta taxa é quase três vezes a correspondente a 1980/1985 (recessão) mas quase a metade da registrada em 1979/1982 (6.2%). Espera-se que os países centralmente planejados, aumentem suas importações em 5.0% anual, os países em desenvolvimento, 4.0% e os países industrializados, 2.0%.

Espera-se que as exportações destes grãos continuarão sendo supridas pelos países industrializados, como os E.U.A. oferecendo entre 60 e 70% do total. Espera-se que as exportações da Argentina cresçam 6.7% anual.

9. As expectativas para a economia internacional de arroz nos próximos três a cinco anos são de uma recuperação nos preços de seus níveis atuais para outros mais em linha com outros grãos. De acordo com a relação histórica entre os preços de trigo e arroz, atualmente o preço de arroz poderia estar entre US\$ 325 e 350, bastante mais elevado que o atual US\$ 250 por tonelada que comanda Thai com 5% de grão quebrado.

O arroz é o alimento essencial de aproximadamente a metade da população mundial e é consumido virtualmente em todos os países. Em

//

mas

1980, por exemplo, o arroz constituiu 86% do consumo de cereais total na Tailândia e 80% na Indonésia. É o terceiro cereal em termos de produção mundial, depois do trigo e do milho. Noventa por cento da produção mundial está concentrado na Ásia, com a China produzindo aproximadamente um terço do total e a Índia 20%.

A maior parte do arroz é consumida onde se produz. Apenas 4-5% da produção é comercializada no mercado mundial, comparado com 20-22% em trigo e 12-14% em milho. As exportações estão dominadas pela Tailândia (24.4% do total em 1979/1981), E.U.A. (23.2%), China (10.3%) e Paquistão (9.7%). Em anos recentes o principal importador foi a Indonésia, com aproximadamente 13% do total importado no mundo em 1979/1981. O segundo mais importante é a Malásia (9.2%) e depois a União Soviética, com 6.4%.

10. O mercado internacional de arroz é freqüentemente caracterizado como um mercado muito pequeno (o comércio líquido dos países asiáticos é muito pequeno em termos da produção), fortemente influenciado pelas políticas oficiais. Praticamente 50% do comércio internacional é realizado através de contratos diretos Governo a Governo e através de acordos de longo prazo. Por outro lado, o arroz é bastante menos homogêneo que a maioria dos outros grãos, com diferentes tipos de arroz e variante de substituição entre eles, o que tornam o mercado de arroz um mercado muito volátil com possibilidades de fortes flutuações anuais de preços.

O nível do comércio internacional em arroz está projetado passar de 11-12 milhões de toneladas a 16-17 para 1995. A mudança mais significativa nesta projeção é o aumento em importância dos importadores da África e a queda relativa dos da Ásia. Importadores tradicionalmente importantes como a Indonésia, Índia e Bangladesh diminuíram suas importações enquanto que o Egito, Nigéria e outros emergiram como importantes importadores.

//

Espera-se que a Tailândia continue sendo o principal exportador e que para 1995 esteja exportando 4.5 milhões de toneladas. Espera-se que o Paquistão, Burma e China também acrescentem suas exportações, do mesmo modo que os E.U.A., que aumentará provavelmente as exportações cerca de 4 milhões de toneladas para 1995, o Japão, a Comunidade Econômica Européia e a Austrália.

11. O açúcar é produzido virtualmente em todo o mundo. Aproximadamente 40% da produção de açúcar é a partir da beterraba que é colhida em climas temperados, o resto é a partir da cana. Quase 80% da produção do açúcar a partir da beterraba se produz na Europa. O resto provém majoritariamente da América do Norte. A cana de açúcar é produzida em climas tropicais e subtropicais em todo o mundo.

Na maioria dos países que são principalmente exportadores os preços ao consumidor mostram muito pouca associação com os preços do mercado internacional e o consumo interno não parece responder a mudanças no preço internacional. No entanto, os países principalmente importadores têm sérias dificuldades em isolar os preços internos de movimentos nos preços internacionais e ao mesmo tempo existem claras respostas das importações e mudanças nos preços. As mudanças nos preços internacionais estão dominadas por mudanças bruscas de produção como resultado de severas mudanças climáticas, doenças ou pestes.

Mais de 50% do comércio mundial do açúcar é realizado através de negociações multilaterais entre Governos (*). Vendas significativas de Governo a Governo são realizadas dentro de um acordo de longo prazo entre Rússia e Cuba, Japão e Austrália e Japão e Brasil. O único acordo multilateral é dentro da Lomé Sugar Arrangement

(*) Ver mais abaixo referência a Acordos Internacionais (IV).

//

//

que cobre exportações de países africanos, do Caribe e do Pacífico até a Comunidade Econômica Européia.

Aproximadamente 60% do açúcar mundial é produzido pelos países em desenvolvimento. Outro 25% provém dos países industrializados. Os principais países produtores são Brasil, Índia, Cuba, Rússia, E.U.A. e França, que em conjunto produzem 40% do total. Os países da Comunidade Econômica Européia alcançaram nos últimos anos níveis de produção superiores a 15 milhões de toneladas.

12. Os principais incrementos nas importações do produto nos últimos anos foram provenientes dos países centralmente planejados e dos países em desenvolvimento. Colheitas pobres em 1981/1983 na Rússia a levaram a aumentar consideravelmente suas importações. Os principais beneficiários do incremento no comércio açucareiro foram a CEE, Brasil e Cuba. Casualmente, o crescimento na CEE e no Brasil coincidiu com os incrementos no comércio do açúcar refinado, que cresceu rapidamente, enquanto que o comércio do açúcar em bruto permaneceu estancado. Estas circunstâncias deveriam continuar prevalecendo na próxima década.

Nos próximos anos, os principais exportadores de açúcar refinado incluirão aqueles países com a maior flexibilidade para mudar de açúcar bruto a refinado, particularmente aqueles que possam beneficiar-se com a energia barata a partir do bagaço de cana. Entre os países da América Latina isto inclui a Argentina, Brasil e Cuba.

13. O café é um excelente exemplo do produto produzido pelos países em desenvolvimento e consumido majoritariamente pelos países industrializados. Existem dois tipos de café: arábicos e robustos. Os países da América Latina, Índia, Quênia e outros países são os prin-

//

principais produtores de "arábicos". O principal uso para "robustos" é o café solúvel, mas também é misturado com "arábicos". Indonésia, Uganda, Costa do Marfim, Camarão e Filipinas são os principais produtores de "robustos". Em termos de preços e de preferências de consumidores, o café do Brasil cai entre "arábicos e robustos".

Nos últimos quarenta anos houve dois períodos de muito altos preços que foram seguidos por vários anos de preços deprimidos. Este padrão de resposta atrasada dos preços é típico do café. Os períodos de altos preços foram na metade dos anos 1950 e em 1976/1979. Ambos os períodos foram seguidos por significativos aumentos na produção. Em ambos os casos, o aumento na produção do Brasil explicou a maior parte dos aumentos da oferta mundial.

Entre os produtores, a influência do Brasil é muito importante porque é principal exportador e por suas tremendas potencialidades produtivas. Depois de perder boa parte de sua participação relativa no mercado nos anos 1960 e 1980, o Brasil reverteu a tendência sobre o final da década anterior e proporciona aproximadamente 30% do mercado mundial. A política do país parece ser a de manter a produção cerca de 30-32 milhões de sacos e ao redor de 30% do comércio dentro do sistema de quotas do acordo internacional do café (ICA).

14. No presente, um importante número de países em desenvolvimento depende significativamente do café para seus ingressos de exportação, particularmente países africanos e latino-americanos. Entre os principais exportadores da região. O Brasil recebeu em 1981 18.1% de seus ingressos de exportação do café, Equador 17.4% e Colômbia 65.5%.
15. O café é consumido principalmente nos países industrializados da Europa Ocidental e da América do Norte. Ambas as regiões consomem

//

mas

//

aproximadamente 60% do consumo mundial e cerca de 75% das importações.

16. O futuro deste mercado internacional parece depender seriamente do ICA. Desde 1980/1981, a instituição (ICA) fixou quotas globais e por país para aproximadamente 85% das exportações totais do café. Os principais importadores que não são membros do ICA incluem os países da Europa Oriental, Rússia e os países em desenvolvimento, principalmente importadores. Os preços fora do sistema de quotas aparecem entre 30% e 50% mais baixos que os divididos em quotas, uma vez que os países exportadores com inventários importantes concorrem nestes mercados.

Espera-se que o consumo de café cresça em 1985/1995 em 1.3-1.5% anual. As principais razões para o baixo crescimento são a baixa elasticidade do ingresso nos principais países consumidores, o estancamento de consumo nos E.U.A., a baixa taxa de crescimento da população e crescimento econômico esperadas, e a concorrência de outras bebidas, principalmente chá e colas.

17. O cacau é produzido exclusivamente em países em desenvolvimento, tropicais. Os cinco maiores produtores do mundo são Brasil, Costa do Marfim, Nigéria, Ghana e Camarões, que conjuntamente produzem outro 15% da produção mundial.

Para transformar os grãos de cacau em produtos finais como o chocolate ou bebidas chocolatadas é necessário transformá-los em produtos semi-processados como manteiga, pó, torta ou massa (*). Os

(*) Os coeficientes utilizados para transformar estes produtos em seu equivalente em grãos são: 1.33 para manteiga; 1.25 para licor; 1.18 para pó e torta; e 0.5 para produtos de chocolate.

//

//

semi-processados e o chocolate são importantes componentes do mercado de cacau e representam porções significativas do comércio internacional.

18. Mudanças importantes em termos de participação relativa ocorreram nos últimos 13 anos. A princípio da década anterior, Ghana e Nigéria eram os principais produtores, contribuindo com 30% e 17% da produção mundial, respectivamente. Essas proporções diminuíram durante os anos 1970 para 12% e 10% respectivamente. Os incrementos na produção do Brasil e da Costa do Marfim compensaram sobejantemente essas declinações. Nos últimos 10 anos suas participações mudaram de 13% para 25% e de 11% para 30%, respectivamente. A produção da Malásia também se incrementou notavelmente.

Existe um acordo internacional para cacau (ICCA) desde agosto de 1981 e que originalmente expirava em setembro de 1984. Não obstante, tudo indica que foi ampliado pelo menos mais um ano (*).

Os preços costumam variar bruscamente, uma vez que o produto tem muito baixas elasticidades no preço de oferta e de demanda a curto prazo. Em geral as flutuações são causadas por mudanças na produção como resultado de inclemências climáticas (**).

19. O consumo de cacau é uma muito pequena proporção da produção nos países produtores, exceto no Brasil, Colômbia e México. A proporção de semi-processados nas exportações totais de cacau esteve aumentando na maioria dos países em desenvolvimento. Duas razões aparecem como explicando a mudança por um lado, o óbvio incremento no valor

(*) Ver mais abaixo Seção IV.

(**) A produção do Equador em 1983/1984 declinou 35% com referência à temporada anterior devido às condições climáticas.

//

//

agregado; por outro, o fato de que o processo reduz o peso em 20% com relação aos grãos, o que gera importantes economias nos custos de transporte. Assim, o Brasil passou de exportar 76% em grãos em 1961 a exportar somente 46% em grãos em 1982. Cifras para o Equador nesses anos são 100% e 62% respectivamente.

20. Uma das características mais notáveis da economia internacional no tocante a gorduras e óleos é a grande quantidade de produtos básicos de onde se pode extrair óleos. Segundo sua fonte, as gorduras e óleos podem agrupar-se em gorduras animais e óleos vegetais e estes últimos podem ainda subdividir-se em óleos provenientes de sementes de cultivos anuais e aqueles provenientes de plantações perenes. Entre os primeiros temos as sementes de soja, de girassol, de algodão, de amendoim e de colza. Coqueiros, palmeiras oleaginosas e oliveiras são as principais árvores.

A produção de óleos vegetais está fortemente concentrada em um pequeno número de países que, conjuntamente produzem mais de 80% do total mundial. Assim, no que diz respeito à soja estão os E.U.A., Argentina, Brasil e China. Em cocos, a Índia, Indonésia e Filipinas. Em algodão, os mesmos países que em soja com o acréscimo da Rússia, Índia, Paquistão e Turquia. Em amendoim os E.U.A., China, Índia, Nigéria, Senegal e Sudão. Em girassol os E.U.A., Espanha, Argentina, China, Turquia, Rússia, Bulgária, Hungria e Romênia e em palmeira oleaginosa a Indonésia, Costa do Marfim, Malásia, Nigéria e Zaire.

21. Os quatro países onde está concentrada a produção de soja oferecem mais de 90% das necessidades do mundo pelo cultivo. Todos eles, salvo a China, são exportadores importantes. A maior parte da soja se transforma em óleo e em tortas. As tortas contêm 48% de proteínas e são usadas particularmente para preparar alimento pecuário.

//

mas

//

Em matéria de palmeira oleaginosa produziram-se as mudanças importantes em termos de concentração geográfica de produção. Entre 1965 e 1982, a África, que produzia 73% passou a produzir 22% e a Ásia, que produzia 23%, passou a produzir 73% do total. A grande diferença foi causada pela produção da Malásia que, crescendo ao redor de 20% anual desde 1961, participa atualmente com mais de 50% da produção e mais de 60% das exportações do mundo.

Outra mudança importante ocorreu no que diz respeito ao comércio de importação. Em 1975, os países industrializados importavam mais de 70%. Para 1980 essa proporção havia descido a 33%. Por outro lado, a participação dos países em desenvolvimento havia crescido de 26% para 63% no mesmo período, particularmente devido às importações da Índia e do Paquistão.

A produção de cocos está concentrada nas Filipinas e na Indonésia, que em conjunto produzem mais de dois terços do total. O primeiro deles participa com mais de 80% das exportações totais.

Em amendoim, três países produzem mais de 60% do produto do mundo: a Índia, E.U.A. e China. Com o acréscimo do Senegal, Sudão, Nigéria, Argentina e Brasil, a percentagem se eleva a mais de 75%. O principal mercado para o óleo de amendoim continua sendo a CEE, com a França como principal mercado.

Entre 1979 e 1982 o consumo aparente de oleoginosas (em termos de equivalência de óleo) foi aproximadamente satisfeito assim: soja (32%), palmeira oleaginosa (11%) coco (6.5%) e amendoim (12%).

22. As perspectivas do comércio internacional em óleos vegetais são de incremento mais rápido nos países em desenvolvimento, particularmente na Ásia. Óleos de soja e de palmeira continuaram dominando o comércio de óleos vegetais. Ambos são em geral mais baratos que

mas

//

//

outros substitutos e são, além disso, os principais ingredientes para obter óleos vegetais hidrogenados. O comércio de tortas, particularmente de soja, esteve fortemente centralizado nos países industrializados. Espera-se que a demanda da CEE continue relativamente estancada. Não obstante, nos países centralmente planificados e nos países em desenvolvimento a concretização de projetos de desenvolvimento pecuário intensivos aparece como uma promissora perspectiva. A participação relativa de importações de torta de soja incrementou-se nos países em desenvolvimento, de 4% na metade dos anos 1960 para 17% em 1982, por exemplo.

23. No que resta da presente seção se trata de focalizar o interesse no comércio regional, começando pela análise de uma sêria de indicadores referentes à importância desse comércio até chegar ao comércio intra-regional dos produtos selecionados. Aqui as preocupações bãsicas relacionam-se com o que esteve ocorrendo com o valor das exportações regionais e com a estabilidade desses ingressos, com sua estrutura em termos de mercados e em termos de produtos e, finalmente, com as importações intra-regionais nos produtos selecionados.

Das cifras do Quadro A 1 do Anexo surge que as exportações do grupo de países que compõem a ALADI passaram de 7.3 bilhões de dôlares correntes FOB em 1960 a mais de 80.5 bilhões de dôlares correntes em 1982, havendo crescido entre 1960-1980 12.7% anual. No mesmo período, as exportações intra ALADI cresciam 24.0% anual. Não obstante, talvez o ponto mais significativo que surge dessas cifras esteja vinculado com a proporção das exportações para a América Latina e intra ALADI. No primeiro caso, em 1970 as mesmas haviam alcançado 12.4% do total, participação que se havia incrementado até 17.0% em 1975, mas que não supera 15% para o período 1980-1982. No que diz respeito às exportações entre si, passaram de 7.7% em 1960 para 12.2% em 1982, com a maior participação relativa para o perío

mas

//

//

do em 1979 com 14.1%. Chama a atenção o estancamento desta proporção em aproximadamente 13%.

24. Embora as cifras até 1980 não reflitam as quedas no valor das exportações sofridas pela maioria dos países, é interessante penetrar por um momento nas cifras que nos apresenta o Quadro no. 2, com as taxas de crescimento do valor das exportações em nível de país, bem como no indicador sobre a instabilidade desses ingressos. Ambas as informações se apresentam para as três décadas 1950-1960, 1960-1970 e 1970-1980, onde surge a apreciação de que se bem a taxa de crescimento das exportações foram acelerando-se, até alcançar excelentes registros para a última década sem exceções, também sua instabilidade aumentou consideravelmente, com a exceção dos casos da Colômbia e do Uruguai.
25. A informação dos Quadros nos. 3 e 4 nos permite conformar algumas idéias sobre a estrutura das exportações dos países da ALADI por mercados (destino). No primeiro caso, apresentam-se taxas de crescimento das exportações para o período 1962/1982 com relação ao total, às exportações para o resto do mundo e para a América Latina. Interessa destacar que o crescimento relativo das exportações intra-regionais superaram, em alguns casos significativamente, aquelas que se destinam para fora da região. A única exceção é o caso do Paraguai onde ambos os crescimentos foram similares.

No Quadro no. 4 é apresentada a distribuição percentual das exportações intra-regionais dos países da ALADI durante 1979, o que permite visualizar a importância de algumas relações bilaterais. Esta informação é muito útil para esclarecer sobre o quanto são sig

//

mas

//

QUADRO No. 2 - ALADI - CRESCIMENTO NOS INGRESSOS POR EXPORTAÇÕES E INSTABILIDADE (percentagem anual)						
P A Í S	TAXA DE CRESCIMENTO ANUAL			ÍNDICE DE INSTABILIDADE		
	1950/1960	1960/1970	1970/1980	1950/1960	1960/1970	1970/1980
• Argentina	(0.3)	4.7	16.6	9.4	6.8	12.5
• Bolívia	(7.7)	14.0	17.2	11.4	6.9	14.7
• Brasil	(2.1)	7.0	19.7	5.9	7.9	11.0
• Colômbia	0.3	4.0	18.3	11.9	6.3	7.2
• Chile	3.6	9.5	14.7	9.4	6.7	19.9
• Equador	6.7	5.6	24.9	7.0	8.4	19.3
• México	3.1	6.0	22.2	6.9	3.6	14.7
• Paraguai	0.1	7.1	17.3	10.2	10.9	12.4
• Peru	6.2	8.0	13.6	9.6	3.9	18.1
• Uruguai	(8.1)	3.5	16.4	13.3	7.6	8.6
• Venezuela	8.8	1.3	18.6	6.9	1.6	18.7
• Países em desenvolvimento de ingressos médios.....	4.0	8.1	18.4	11.3	8.9	15.7

FONTE: World Bank Staff Commodity Working Paper Number 9, January 1983. Entre parênteses são negativos.

//

QUADRO No. 3 - ALADI: TAXAS DE CRESCIMENTO DAS EXPORTAÇÕES INTRA-REGIONAIS, EXTRA-REGIONAIS E TOTAIS. (PERCENTAGENS).						
P A Í S E S	Período	Totais		Resto do Mundo	América Latina	(3) ÷ (2)
		(1)	(2)			
. Argentina	1962-1982	5.4	4.8	7.7	1.60	
. Bolívia	1962-1979	9.4	6.8	26.5	3.90	
. Brasil	1962-1982	10.8	10.2	14.8	1.45	
. Colômbia	1962-1982	6.4	5.6	11.2	2.00	
. Chile	1962-1980	5.4	3.9	13.1	3.36	
. Equador	1962-1979	13.6	11.2	24.6	2.20	
. México	1962-1979	8.0	7.8	10.9	1.40	
. Paraguai	1962-1979	8.1	8.4	7.3	0.87	
. Peru	1962-1982	3.0	2.3	8.0	3.48	
. Uruguai	1970-1981	9.9	7.6	17.3	2.28	
. Venezuela	1962-1981	6.1	5.9	7.0	1.19	

FONTE: Banco Interamericano de Desenvolvimento, Progresso Econômico e Social na América Latina. Relatório 1984.

//

QUADRO No. 4 - ALADI: DISTRIBUIÇÃO PERCENTUAL DAS EXPORTAÇÕES INTRA-REGIONAIS DURANTE 1979.
(PERCENTAGENS).

PAÍS EXPORTADOR IMPORTADOR	Argentina	Brasil	Chile*	México	Paraguai	Uruguai	Bolívia	Colômbia	Equador	Peru	Venezuela
Argentina		27.5	24.5	6.5	48.6	30.8	53.3	7.9	5.3	7.7	4.6
Brasil	43.1		40.7	25.5	27.7	57.8	17.0	1.0	1.3	15.3	13.3
Chile	7.8	13.9		6.4	6.8	4.0	13.9	5.0	28.8	7.1	9.0
México	5.9	11.2	6.5		2.3	0.7	0.7	1.8	4.2	10.7	1.8
Paraguai	9.0	12.4	0.6	0.1		3.8	0.5	0.1	0.1	0.5	
Uruguai	11.7	8.0	2.1	1.7	13.0		0.3	0.1	0.3	1.1	3.7
GRUPO ANDINO											
Bolívia	5.9	4.9	2.4	0.3	0.1	0.6		0.4	0.1	14.8	
Colômbia	2.6	6.3	6.6	7.6	0.4	0.9	2.6		12.2	9.7	10.4
Equador	0.8	1.3	1.6	4.1		0.3	0.3	9.1		14.9	0.6
Peru	3.5	1.7	6.4	2.0		0.2	9.9	2.3	1.6		1.1
Venezuela	7.8	7.6	6.2	16.1	0.1	0.8	1.4	59.1	6.4	9.2	
RESTO DA AMÉRICA LATINA	1.9	5.2	2.4	29.7	n.d.	0.1	0.1	13.2	39.7	9.0	n.d.

*: Cifras de 1980; n.d.: não disponível.

FONTE: Banco Interamericano de Desenvolvimento, Progresso Econômico e Social na América Latina. Relatório 1984.

//

nificativas as concentrações existentes e também para contribuir a "mapear" as potencialidades que se devem explorar.

26. A partir da informação em dois quadros do Anexo obtemos uma visão sobre a estrutura por produtos das exportações regionais. No Quadro A 2 apresentam-se as taxas de crescimento históricas e projetadas para as exportações dos produtos básicos, exceto petróleo da região. Estas taxas de crescimento do volume exportado e a ser exportado apresentam-se para dois subgrupos de produtos básicos: alimentos e matérias-primas. A fonte dos dados e projeções é o Banco Mundial. Para os períodos 1961-1971 e 1971-1980 a situação da América Latina foi bastante razoável no que diz respeito a alimentos, mas não no que diz respeito a matérias-primas, embora estas tivessem um ligeiro crescimento na última década. Em alimentos, houve uma brusca desaceleração na América Central e no Caribe que foi mais que compensada pela aceleração na América do Sul. A situação destas sub-regiões inverte-se no tocante a matérias-primas.

As projeções indicam que é de esperar que entre 1980 e 1995 o volume das exportações da América Latina cresçam a uma taxa superior a 3.0% anual em alimentos e aproximadamente 2.5% em matérias-primas. Em ambos os casos, esse crescimento estaria significativamente explicado pelo crescimento das exportações da América do Sul, que será bastante superior ao da América Central e do Caribe.

No Quadro A 3 apresentam-se as exportações intra-regionais como percentagem das exportações totais, por categoria de produtos para 1965, 1970, 1975 e 1979. Interessa destacar que a participação relativa de alimentos e animais vivos se mantém virtualmente inalterada entre 8 e 10%. Óleos e gorduras animais e vegetais, por outro

//

mas

//

lado, experimentaram um significativo crescimento, passando de 13.3% do total em 1965 para 20.2% em 1979. Não obstante, o ponto a enfatizar é que as exportações de produtos manufaturados parecem ter uma receptividade regional muito maior. E este não é um ponto trivial para as negociações entre os países.

27. No Quadro no. 5 apresentam-se as exportações totais dos países da ALADI nos produtos selecionados. A informação corresponde às médias do período 1980/1982, que é a última disponível. A pretensão aqui é poder delimitar, muito preliminarmente, algumas idéias que achamos que deveriam ser consideradas ao esboçar o âmbito de negociações potenciais. Sempre falando dos produtos selecionados, surge desta informação alguns pontos simples mas contundentes. Por exemplo, na maioria dos produtos uma significativa proporção do comércio intra-regional é realizada entre poucos países. Colocada de outra maneira, as importações e a potencialidade de exportações que revertam do destino atual a um regional estão em mãos de muito poucos países. Geralmente dois ou três. Em outro sentido, ainda mais importante, caso não intervenham incrementos significativos de saldos exportáveis, toda satisfação da demanda regional por grãos em excesso da atual seria a custo de reduzir exportações para o resto do mundo. A capacidade de suprir os requerimentos satisfeitos pelo resto do mundo em 1980/1982 era de 42% em trigo, 68% em milho e 77% em arroz (importações ALADI do resto do mundo divididas as exportações da ALADI para o resto do mundo).

28. A revisão dos antecedentes relacionados com o comércio internacional em vários dos produtos selecionados, bem como das exportações e importações intra-regionais, permitem separar alguns pontos que serão discutidos mais adiante, no relatório propriamente dito. Em geral, alguns dos países da região são importantes produtores e inclusive exportadores mundiais em alguns dos produtos selecionados.

//

mas

QUADRO NO. 5 - ALADI. IMPORTAÇÕES DE PRODUTOS SELECIONADOS POR PAÍSES E INDICADORES. (Milhares de TM)

ITEM	Trigo	Milho	Açúcar Bruto	Açúcar Refinado	Café	Soja	Farinha e Peixes	Peixes Frescos	Peixes Sacos	Crustáceos e Moluscos
Argentina	0.0	0.1	0.0	0.0	34.8	0.4	0.2	8.4	0.7	1.6
Bolívia	249.7	0.1	0.0	0.0	0.0	9.6	1.4	0.1	0.0	0.0
Brasil	4.468.3	832.8	0.0	0.0	0.0	905.2	0.0	39.8	16.2	0.3
Colômbia	503.9	120.8	0.0	0.0	0.0	136.1	45.7	1.4	0.0	0.0
Chile	934.7	324.0	0.0	57.2	5.0	24.9	0.0	0.0	0.0	0.0
Equador	249.2	3.3	0.0	6.3	0.0	23.9	0.0	0.0	0.2	0.0
México	814.8	2.504.3	562.8	562.8	0.0	700.6	27.3	4.8	0.0	0.8
Paraguai	59.9	0.0	0.0	0.0	0.0	0.2	0.0	0.0	0.0	0.0
Peru	847.5	450.7	0.0	0.0	0.0	60.7	0.0	0.0	0.0	0.3
Uruguai	4.4	12.3	6.6	2.3	1.8	0.7	0.0	0.0	0.0	0.1
Venezuela	816.9	1.089.5	321.5	141.5	0.2	63.5	0.0	7.9	1.5	1.6
IMPORTAÇÕES TOTAIS ALADI	8.927.4	5.334.3	1.064.2	770.1	41.9	1.926.1	74.5	62.4	18.6	4.8
EXPORTAÇÕES ALADI - RESTO DO MUNDO	3.464.1	3.514.0	2.319.3	741.9	1.590.9	3.858.0	492.9	316.6	8.6	97.8
PRINCIPAIS EXPORTADO RES (País)*	(1) 3.406.2	(1) 3.326.7	(3) 1.786.5	(3) 872.4	(3) 832.6	(1) 2.380.1	(5) 256.4	(1) 159.5	(9) 3.5	(7) 41.7
	(1)	(1)	(1)	(1)	(1)	(1)	(9)	(10)	(1)	(1)
			(4)	(2)					(5)	(2)

*: (1) Argentina; (2) Bolívia; (3) Brasil; (4) Colômbia; (5) Chile; (6) Equador; (7) México; (8) Paraguai; (9) Peru; (10) Uruguai; (11) Venezuela.

FONTE: Secretaria-Geral da ALADI

//

Não obstante, salvo o caso do Brasil no café, as expectativas e projeção do comércio internacional para a próxima década oferece excelentes perspectivas, uma vez que a participação relativa é menor. A não ser que o protecionismo dos países continui inclusive aumentando (como se verá no ponto II mais abaixo), o problema é antes de mais nada o de gerar os saldos exportáveis. O fluxo comercial está projetado aumentar a partir dos seriamente deprimidos níveis do princípio da presente década. Os preços também dos principais produtos básicos que nos preocupam se verão incrementados (próxima seção do Anexo). No que se refere estritamente ao fluxo intra-regional, o estancamento dos últimos anos parece reclamar alguns esforços importantes e provavelmente, em certa medida, heterodoxos para possibilitar que o mesmo se potencie. Dos delineamentos que parecem merecer discussão e análise são a ênfase em poucos, selecionados, grupos de bens e continuar animando os acordos de grupos pequenos de países onde será muito mais eficiente o relevamento das causas que dificultam o comércio recíproco e sua remoção ou diminuição.

II. PERSPECTIVAS DE MERCADOS E PREÇOS EM ALGUNS PRODUTOS SELECIONADOS

29. Nesta seção complementam-se os antecedentes incluídos na seção anterior em forma sucinta, com alguns comentários sobre: a) as projeções de crescimento e mudanças nas participações relativas dos grupos de países nas importações projetadas para 1985-1990 e 1995; e b) os preços históricos e projetados desses produtos.

No Quadro no. 6 são apresentadas as taxas de crescimento nas importações mundiais de alguns produtos selecionados e a participação relativa dos diferentes grupos de países. O crescimento dos

mas

//

//

grãos em geral (grossos e arroz em particular) e os óleos vegetais é bastante elevado. Outro aspecto notável é que o grupo de países em desenvolvimento é o que melhorará sua posição relativa como importador em todos estes produtos, geralmente devido a perda de importância relativa por parte dos países industrializados.

30. As expectativas em cacau são para exportações que se originarão nos países em desenvolvimento e irão particularmente para a Europa Ocidental e América do Norte. No caso do café, as exportações continuarão sendo providas pelos países de nossa região, particularmente pelo Brasil (exportações de aproximadamente 21.3 milhões de sacos em 1995), Colômbia (11.6 milhões de sacos). Espera-se que a Indonésia se converta no terceiro exportador para 1995, substituindo a Costa do Marfim. A demanda seguirá dominada pelos países industrializados. No entanto, o Japão, Europa Oriental e Rússia são considerados como áreas de crescente consumo.

31. Espera-se que o mercado internacional de grãos grossos cresça 3.4% anual no período 1985-1995. Espera-se que as importações dos países em desenvolvimento se acelerem no período e saiam da letargia dos últimos anos. Em 1985, as importações de grãos grossos destes países alcançarão aproximadamente 39 milhões de toneladas, enquanto que suas exportações serão da ordem de 25 milhões de toneladas.

A oferta estará majoritariamente a partir dos E.U.A. (60-70%) e espera-se que as exportações da Argentina cresçam razoavelmente rápido.

Espera-se que o comércio do arroz alcance 16-17 milhões de toneladas em 1995 (11-12 milhões atualmente) com os países africanos aumentando sua importância como importadores, enquanto que os asiáticos diminuem a sua. A África esteve incrementando suas importa-

//

mas

QUADRO No. 6 - IMPORTAÇÕES MUNDIAIS DE PRODUTOS SELECIONADOS. TAXAS DE CRESCIMENTO E PARTICIPAÇÃO RELATIVA DE DIFERENTES GRUPOS DE PAÍSES, 1979/1981-1995.

P R O D U C T O	Taxa de Crescimento 1985-1995 (% anual)	IMPORTAÇÕES RELATIVAS (%)														
		PAÍSES INDUSTRIALIZADOS						PAÍSES CENTRALMENTE PLANEJADOS						PAÍSES EM DESENVOLVIMENTO		
		1985		1990		1995		1985		1990		1995		1985	1990	1995
		1985	1990	1985	1990	1985	1990	1985	1990	1985	1990	1985	1990	1985	1990	1995
. Cacao e subprodutos	1.9	76.4	74.0	71.1	15.9	16.1	17.1	7.7	9.9	11.8						
. Café	1.5	80.0	79.4	79.2	6.6	7.2	7.5	13.4	13.4	13.3						
. Grãos grossos	3.4	43.7	41.2	38.2	22.9	25.3	26.6	33.4	33.5	34.2						
. Arroz	3.3	13.0	12.4	11.0	8.6	8.8	10.1	78.4	78.4	78.9						
. Trigo	2.3	15.7	15.5	13.8	23.3	25.1	25.0	61.0	59.4	61.2						
. Açúcar	2.0	28.5	25.9	24.2	24.8	23.3	20.9	46.7	50.8	54.9						
. Óleo soja	4.0*	45.1	42.9	40.8	7.2	8.6	7.7	47.7	48.5	51.5						
. Óleo de palmeira	5.2*	25.2	22.6	20.7	7.6	8.2	8.7	67.2	69.2	70.6						
. Óleo de coco	1.2*	79.7	77.5	76.8	7.3	7.5	8.2	13.0	15.0	15.0						

*: Correspondem ao período 1979/1981-1995.

FONTE: IBRD, Economic Analysis and Protections Department, Setembro 1984.

//

ções à taxa de 9% anual durante 1961-1982, o que reflete a substituição do milho na dieta e sua substituição por arroz.

A respeito do trigo, a taxa de crescimento das importações está desacelerando (5.5% em 1970-1982 e 2.3% projetado para 1985-1995). A China continuará sendo a principal importadora com o Egipto e a Nigéria aumentando suas importações. As exportações continuarão dominadas pelos E.U.A., Canadá, França, Austrália e Argentina.

32. Espera-se que o crescimento das importações de açúcar diminua (2.0% para 1985-1995 contra 2.3% em 1961-1982). As importações nos países industriais e nos centralmente planejados se crê que crescerão modestamente em 1985-1995. O incremento contínuo de produção nos países da CEE e o deslocamento do açúcar por substitutos nos E.U.A. são fatores que explicam isso.
33. Espera-se que o comércio de óleos vegetais continue crescendo rapidamente até 1995, particularmente as importações dos países em desenvolvimento. A importação de tortas oleaginosas continuará dominada pelos países industriais, com a CEE como a principal importadora. Não obstante, o crescimento das tortas oleaginosas será mais rápido nos países em desenvolvimento, com a Ásia como importadora quase exclusiva dentro deste grupo de países. Em termos de consumo per capita, os óleos vegetais nestes países deverão crescer de 8.1 kg em 1982 para 9.4 kg em 1990 e para 10.6 kg em 1996. O consumo na China, Índia e Paquistão é muito limitado e daqui sairá certamente o incremento esperado nas importações. As projeções para o crescimento destas importações no período 1985-1995 são de 7.6% anual em países em desenvolvimento contra apenas 2.6% anual nos países industrializados.

//

mas

//

34. O Quadro no. 7 apresenta os preços e as projeções para estes produtos em dólares correntes. Pode-se apreciar ainda para este grupo de produtos que as quedas em 1981/1982 foram geralmente bruscas, os repontes esperados para 1984/1986 não muito constantes. As principais melhorias estão na agricultura e aqui, particularmente, em bebidas e óleos vegetais. Para o final do período projetado o açúcar parece liderar o reponte.

No caso do café, o futuro dos preços depende da produção mundial e da operação do ICA. As principais variáveis sugerem que os preços sofrerão pressão à baixa por mais vários anos. No caso do cacau, espera-se que as secas pronunciadas e consecutivas no oeste africano reduzam os inventários em mais de 20%. Por outro lado, boa parte dos estoques existentes é da ICCO. Espera-se que a situação da capacidade excedente continue até 1990 e mantenha os preços em níveis relativamente baixos.

O mercado internacional do açúcar está permanentemente submetido a sérias flutuações que são o resultado, em grande medida, das práticas protecionistas da maioria dos países produtores e consumidores de açúcar. Na maioria das vezes as disponibilidades (produção mais inventários) superam o consumo deprimido os preços abaixo inclusive dos custos de produção de longo prazo. Como a demanda é altamente inelástica, mudanças bruscas na produção de países importadores ou exportadores importantes geram mudanças muito sérias nos preços. Os inventários mantidos no momento e as estimações de produção fazem pensar que a fins do presente ano se recuperem os preços. (*)

(*) Ver IV sobre o Acordo Internacional do Açúcar (ISA).

//

mas

QUADRO No. 7 - PREÇOS DE PRODUTOS BÁSICOS SELECIONADOS E PROJEÇÕES EM DÓLARES CORRENTES (\$/TM)												
PRODUTO	PREÇOS OBSERVADOS										PROJETADOS	
	1976	1977	1978	1979	1980	1981	1982	1983	1984	1985	1986	
. Café *	315	517	359	382	344	282	309	290	321	330	353	
. Cacao *	205	379	340	320	260	208	174	212	238	228	228	
. Açúcar	255	179	172	213	632	374	186	187	110	140	220	
. Arroz	255	272	368	331	434	483	293	277	255	275	320	
. Trigo	149	116	135	172	191	196	167	170	170	175	196	
. Milho	112	95	101	116	125	131	109	136	138	135	144	
. Óleo de palmeira	407	530	600	654	584	571	445	501	710	660	695	
. Óleo de coco	418	578	683	984	674	570	464	730	1.100	910	842	
. Óleo de amendoim	741	852	1.079	888	859	1.043	585	711	1.000	900	860	
. Óleo de soja ...	438	576	607	662	598	507	447	527	700	670	710	

*: Neste caso as unidades são centavos de dólar por quilograma.

FONTE: IBRD - Report no. 814/84, setembro de 1984.

//

//

//

Os preços do arroz que se encontram deprimidos abaixo de seus níveis históricos continuarão deprimidos até que algum importador ou exportador importante sofra uma queda significativa de produção. Os preços estiveram abaixo dos \$ 300/TM durante os últimos três/quatro anos, apesar dos baixos níveis de inventário e não se avistam mudanças nas expectativas. No mais longo prazo, a relativa excessiva capacidade pronostica inclusive quedas nos preços em termos reais.

Os preços do trigo permaneceram constantes em dólares correntes desde 1962. Esta estabilidade é a resultante de que tanto demanda como oferta não experimentaram sobressaltos. A partir daqui, o preço do trigo estará cada vez mais ligado às decisões da política setorial dos E.U.A. Por outro lado, espera-se um período que chegue talvez até 1990 de capacidade excessiva. Algo similar ocorre com as projeções para os preços do milho e do sorgo.

35. Em geral, espera-se que a participação relativa dos países em desenvolvimento nas importações de possivelmente todos os produtos básicos, seja incrementada na próxima década, sendo o incremento mais rápido o das matérias-primas. Nos alimentos pode-se esperar crescimentos significativos em carnes, grãos grossos e bebidas e um relativo estancamento no trigo e no arroz. As exportações de produtos básicos destes países mostrarão menos mudanças que os das importações. Não obstante, as projeções a que se fazia referência mais acima apresentam um quadro de óbvias possibilidades, principalmente para algumas das principais exportações da região.

//

mas

//

III. ACORDOS INTERNACIONAIS EM ALGUNS PRODUTOS BÁSICOS

36. Os acordos internacionais de produtos básicos (ICA, usando a sigla do inglês "International Commodity Agreements") foram utilizados por mais de cem anos com o objetivo principal de estabilizar os preços desses produtos. Naturalmente todo país cujos ingressos externos dependem significativamente de um ou poucos produtos básicos é um candidato óbvio como membro destes acordos. Nestes anos estão ainda vigorando acordos sobre o cacau, o café, o açúcar, a borracha, o azeite de oliva e o estanho.

A preocupação é analisar superficialmente os antecedentes sobre uns poucos deles com o objetivo de determinar até que ponto se justifica a análise detalhada da operação desses acordos para os produtos básicos que tenham acordos e cuja importância seja significativa para os países da ALADI, particularmente ante as circunstâncias apresentadas no presente, onde, como resultado das quedas de preços e ingressos de 1981/1982, as pressões para realizar novos acordos, renovar os existentes e/ou pressionar para uma eficiente e pronta realização do Fundo Comum para produtos básicos são muito altos. A presunção é que os países da região poderiam beneficiar-se de realizar uma análise objetivo e realista dos custos e benefícios que estiveram implícitos na participação de vários deles em diferentes acordos. Em última instância, o que importa realmente é identificar e analisar as formas de isolar o ingresso de exportações das flutuações violentas e os custos associadas ao fazê-lo.

37. Em outubro de 1972 foi assinado, por um período de três anos, um acordo sobre cacau depois de quase 15 anos de discussões. No entanto, o então principal comprador, os E.U.A., não se converteu em mem

//

//

bro. Um segundo acordo foi negociado em 1975 e, depois de duas extensões, um terceiro foi firmado em 1980, que começou em agosto de 1981. Não obstante, tampouco agora estavam os E.U.A. nem a Costa do Marfim (o principal produtor) nem importantes consumidores como Japão e Austrália. Desde outubro de 1981, em que começou a operar em sua última versão, as compras da autoridade para inventário de reservas foram incapazes de incrementar os preços sem sequer até o considerado mínimo indispensável. Os fundos são provenientes de contribuições que se aplicam a ambos, importadores e exportadores. Porém, as presentes condições de oferta excedente e as dificuldades pelas quais atravessa o fundo tornam difícil pronosticar uma melhoria na incumbência asignada.

38. O primeiro acordo sobre café foi assinado em 1962 e suas provisões foram renovadas duas vezes, embora suas provisões econômicas não se tenham cumprido entre 1973 e 1976 devido a que seus membros importadores não estiveram de acordo para sancionar preços mínimos mais altos. O novo acordo contém um sistema de quotas que entrou em funcionamento em outubro de 1980, depois da queda dos preços que começou em junho de 1980. O nível de quotas foi reduzido progressivamente, em nível global, na medida que caíam os preços. Desde julho de 1981 os preços começaram a recuperar-se e fortalecer-se, e o sistema global de quota foi incrementando-se.

De acordo com o funcionamento destes últimos anos, o sistema de quotas do acordo do café foi um instrumento efetivo, pelo menos no curto prazo, para deter ofertas. Por outro lado, o Acordo inclui quase todos os produtos importantes. Não obstante, devido às expectativas de produção importante (e conseqüentemente importantes acumulações de inventários) as possibilidades de especular contra o Acordo aumentam e com elas as dificuldades associadas com o funcionamento do Acordo.

//

mas

//

Um fator que recebeu a desaprovação dos importadores é o dos importantes descontos de preços oferecidos aos países não-membros. Foi difícil controlar preços nos mercados de países não-membros em épocas de oferta abundante, e as exportações a estes países cresceram significativamente. Outra dificuldade do Acordo é sua tendência a perpetuar a distribuição de produção existente entre países, onde surge que se um país tem sérias vantagens comparativas para produzir café, deve auto-limitar-se em aumentar sua produção e exportação.

39. Aproximadamente 25% do comércio do açúcar é realizado através de acordos especiais. A produção de açúcar está fortemente protegida nos países industriais e uma das principais questões pendentes é o possível colapso do acordo em junho de 1984. Este novo acordo é bastante mais amplo que os anteriores, uma vez que inclui a maioria dos principais importadores, inclusive os E.U.A., com a exceção da CEE.

O presente Acordo tem os seguintes elementos: a) um preço meta; b) un inventário de reserva de 2.5 milhões de libras, e c) quotas de exportação. Não obstante, o presente Acordo não funcionou tão bem como se pretendia. Fundamentalmente dilações para ingressar como membros de países importantes, o fato de que as quotas raramente conseguiram influenciar o mercado e na verdade foram suspensas quando os preços cresceram, e a falta de poder do ISA para controlar as existências de estoque enfraqueceram fortemente o Acordo. Os membros não puderam chegar a um acordo por um novo programa em junho de 1984 quando Cuba e Austrália não puderam aceitar condições referentes à CEE.

//

mas

//

IV. PROTECIONISMO AGRÍCOLA E PENETRAÇÃO DE MERCADOS INDUSTRIALIZADOS

40. O fato de ter acesso aos mercados é importante. Aproximadamente 55% em alimentos e 60% nas matérias-primas exportadas pelos países em desenvolvimento são vendidos nos países industrializados. Durante os anos 1970, as exportações manufaturadas destes países incremtaram sua penetração nos mercados industrializados a uma taxa significativa (8% anual). No entanto, produtos agrícolas processados apenas cresceram em sua penetração a uma média de aproximadamente 0.6% anual. Nos produtos básicos como açúcar, milho, carne e tomates houve um retrocesso como resultado da capacidade aumentada de auto-abastecimento e como resultado de medidas de proteção.

A evidência analisada sugere que a proteção nos países industrializados aumentou consideravelmente e encontra-se presente acima da concedida às manufaturas. Como resultado da recessão recente intensificaram-se as pressões protecionistas e as barreiras impostas aos bens agrícolas foram das mais efetivas. Isto contribuiu para significativas perdas nas porções de mercado de que gozavam os países em desenvolvimento na última década, particularmente nos produtos mencionados mais acima (*).

41. A agricultura esteve protegida há muito tempo nos países desenvolvidos. O verdadeiramente novo é o crescimento nas exportações de produtos agrícolas destes países a partir de significativos níveis de subsídios (internos ou relacionados com as próprias exportações). A intervenção aumentada destes Governos no comércio agrícola reflete na realidade uma extensão do apoio a seu setor primário, como resultado de políticas já existentes.

(*) IBRD, World Development Report, 1983.

//

//

Embora seja difícil estabelecer a proporção da diminuição na penetração destes mercados como resultado das práticas protecionistas, o importante não é apenas a quantia em acréscimos, senão também em termos de composição do comércio. As mencionadas formas de intervenção (antes tão criticadas quando em voga nos países em desenvolvimento) no comércio através de subsídios tendem a incrementar a quantidade de comércio ineficiente e, por conseguinte, a desperdiçar recursos. O comércio aumenta, mas os recursos são utilizados ineficientemente quando, através de subsídios, os países incentivam a venda entre eles de produtos que de outra maneira comprariam domesticamente ou não produziriam em absoluto.

42. Não apenas existem tarifas significativas para as importações agrícolas nos países industrializados, senão que a estrutura de tarifas que afetam os países em desenvolvimento possui grau considerável de escalonamento, ou seja, as tarifas se tornam progressivas na medida em que se trate de bens com maior processamento. Seu impacto básico é desalentar a exportação de produtos com maior processamento.

É comum observar que aí onde as tarifas foram reduzidas, barreiras não-tarifárias estão substituindo essas tarifas como instrumento para controle das importações. Na realidade, como resultado da redução em tarifas resultantes de várias rodadas de negociações multilaterais, a tendência é demasiado evidente acerca do uso quase generalizado de controles quantitativos. Estimções da UNCTAD (*) mostram que a proporção das restrições quantitativas sobre o total de barreiras ao comércio cresceram da seguinte maneira:

Período	% RC
1941-1958	19
1959-1968	44
1969-1978	65
1978-1982	71

(*) UNCTAD, TB/B/C.I/239, Liberalization of barriers to trade in primary and processed commodities, 12 de janeiro 1983, pág. 13.

//

//

43. A proteção às importações e às distorções ao livre comércio viram-se incrementadas. A agricultura, que foi virtualmente excluída do GATT, não viu favorecer seu comércio com reduções de tais barreiras. Isto é assim, tanto nos países industrializados como nos países em desenvolvimento. A Secretaria-Geral da UNCTAD, que tratou de manter um catálogo permanente de restrições tarifárias e não-tarifárias, estimou que 23% das principais categorias de importação nos países desenvolvidos está atualmente sujeito a restrições quantitativas, com 7% delas sujeito a algum tipo de restrição não-tarifária com impacto sobre os preços (por exemplo, taxas de importação variáveis). Os países em desenvolvimento, por outro lado, usam restrições quantitativas em grande medida. Para uma amostra de 22 países, 71% das categorias de importação estava restringido e 2% estava sujeito a restrições não-tarifárias com impacto nos preços (*).

(*) UNCTAD, Protectionism, Trade Relations and Structural Adjustment (Report for UNCTAD VI, TD/274), 7/I/83.

//

//

ANEXO II: QUADROS ADICIONAIS

mas

//

QUADRO No. A1 - ALADI: EXPORTAÇÕES TOTAIS (Milhões de dólares a preços correntes, FOB)							
I T E M	1960	1965	1970	1975	1980	1981*	1982**
. Exportações totais	7.345	9.389	13.787	29.664	79.569	85.719	80.574
. Exportações para a América Latina	-	-	1.584	5.031	11.963	13.431	11.729
. Exportações para a América Latina com percentagem do total	-	-	12.4	17.0	15.0	15.7	14.6
. Exportações intra ALADI .	567	842	1.266	4.010	10.879	11.934	9.812
. Exportações para a ALADI como percentagem do total	7.7	9.0	9.9	13.5	13.7	13.9	12.2
. Exportações para a ALADI como percentagem das exportações para a América Latina	-	-	79.9	79.7	90.9	88.8	83.7

*: Cifras provisórias.

FONTE: CEPAL, The crisis in Latin America: Present Situation and Future Outlook, 10 fevereiro 1984.

//

//

QUADRO No. A2 - CRESCIMENTO DO VOLUME DE EXPORTAÇÕES DE PRODUTOS BÁSICOS. POR GRUPO DE BENS.
(Porcentagem por ano).

I T E M	TAXAS HISTÓRICAS *					PROJEÇÕES **		
	1961/1971	1961/1980	1971/1980	1980/1985	1985/1990	1990/1995	1980/1995	1980/1995
ALIMENTOS:								
. América Central e Caribe ..	3.3	2.2	0.8	1.4	1.6	1.2	1.4	1.4
. América do Sul	2.2	2.7	3.5	4.9	3.5	3.3	3.9	3.9
. América Latina Total	2.5	2.5	2.8	4.2	3.1	3.0	3.4	3.4
NÃO ALIMENTOS								
. América Central e Caribe ..	(2.1)	(0.6)	2.4	1.8	1.1	0.6	1.2	1.2
. América do Sul	1.8	(0.1)	(0.7)	3.8	3.3	3.3	3.5	3.5
. América Latina Total	(0.1)	(0.4)	0.8	2.9	2.4	2.2	2.5	2.5
MINÉRIOS E METAIS								
. América Central e Caribe ...	(0.6)	0.4	(0.5)	4.0	(2.2)	4.0	1.9	1.9
. América do Sul	4.3	4.0	4.1	2.9	2.8	2.3	2.6	2.6
. América Latina Total	3.6	3.6	3.7	3.0	2.4	2.4	2.6	2.6

* : Tendência Mínimos Quadrados.

** : Ponto final do período

FONTE: IBRD - The Outlook for Primary Commodities, Janeiro 1983

//

//

QUADRO No. A3 - AMÉRICA LATINA: EXPORTAÇÕES INTRA-REGIONAIS COMO PORCENTAGEM DAS EX-
PORTAÇÕES TOTAIS; POR CATEGORIAS DE PRODUTOS. 1965, 1970, 1975 E
1979. (PERCENTAGENS).

C A T E G O R I A S		1965	1970	1975	1979
<u>ALIMENTOS BÁSICOS E MATÉRIAS-PRIMAS</u>					
. Alimentos e animais vivos		8.8	8.1	9.7	9.8
. Bebidas e fumo		7.6	12.8	8.7	8.5
. Matérias cruas não comestíveis		9.4	9.7	7.9	8.8
. Combustíveis e minérios conexos		13.9	13.7	15.7	11.5
. Óleos e gorduras animais e vegetais		13.3	14.4	16.5	20.2
<u>PRODUTOS MANIFATURADOS</u>					
. Químicos e conexos		36.1	43.8	37.2	42.9
. Manufaturas classificadas por material		15.6	18.1	27.1	30.1
. Maquinária e equipamento de transporte		70.2	50.4	52.6	46.0
. Manufaturas diversas		70.0	52.9	36.8	38.8
<u>OUTROS PRODUTOS</u>					
		27.4	38.3	16.4	12.1
TOTAL		12.6	13.8	17.0	16.7

FONTE: Banco Interamericano de Desenvolvimento, Progresso Econômico e Social na América Latina,
Relatório 1984.

//

//

QUADRO No. A4 - TAXA DE CRESCIMENTO (*) EM PRODUÇÃO, ÁREA COLHIDA E RENDIMENTOS DE GRÃOS BÁSICOS. DIFERENTES REGIÕES EM DESENVOLVIMENTO. 1961-1980.			
I T E M	Produção	Área colhida	Rendimentos
ARROZ (Paddy)			
. Ásia	2.9	0.8	2.1
. África	2.7	2.5	0.2
. América Latina	3.4	2.8	0.6
TRIGO			
. Ásia	5.9	1.7	4.2
. África	2.5	0.9	1.6
. América Latina	1.9	1.3	0.5
GRÃOS GROSSOS			
. Ásia	1.8	(1.1)	3.0
. África	2.1	1.6	0.5
. América Latina	3.6	1.3	2.3
*: Taxa de crescimento tendencial por mínimos quadrados. Em parênteses são negativos.			
FONTE: IBRD, The Outlook for Primary Commodities, com dados da FAO.			